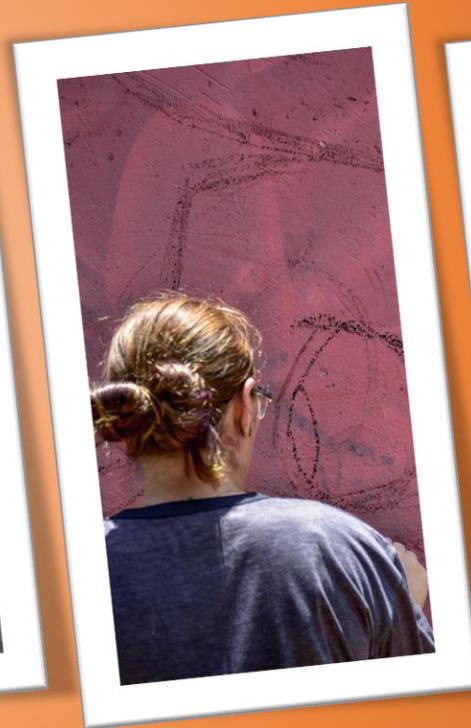


ANA PSENDZUIK



GRAFITEIRA, TATUADORA, ESPOSA E MÃE

"Se trata de liberdade"

"O grafite é o nosso hobby"

Ana Carolina Romã Psendziuk. Este sobrenome não foi a única herança recebida pela artista dos avós poloneses e alemães. O interesse pelo desenho, pelas cores, são registros desde a infância vividos com sua avó materna, que era artista plástica, "caprichosa", como afirma a neta Ana, nascida no Rio Grande do Sul.

Apesar da hereditariedade influenciar com uma força que independe de nós, o talento com as artes visuais foi descoberto e desenvolvido por meio de um propósito: viver "limpos". A união com o também artista visual e grafiteiro Ian, foi o início de uma nova vida através dos desenhos e dos grafites pela cidade.

"O grafite salva"

"A gente veio pra cá eu tava com 4 anos, bem pequenininha, então, sou mais cuiabana mesmo, e aí ... casei com Ian, o Ian veio direto de São Paulo quando ele veio prá cá, então assim, já tinha todo esse contato com tatuagem, com grafite, com música, e aí ele acabou me inserindo nesse mundo, entendeu, antes disso eu nunca me imaginei nessa situação. E, os meus irmãos são do rock e eu andava com a galera (pra fugir da galera deles porque eles são mais velhos) eu andava com a galera do funk, então, totalmente oposto, e aí eu me afundei em droga, afundei legal, sabe. Meus pais não sabiam, eles são muito certos, muito convencionais, só que ... eles sempre deixaram a gente muito solto né, então a gente cresceu na rua, com os meus irmãos mais velhos sempre alí junto, mas assim, num âmbito bem diferente do que eu queria estar. E aí eu comecei a me envolver com a galera do funk, comecei a usar droga, comecei a colar no CPA, e nessa daí eu fui até o Ian, porque o Ian já tinha saído dessa né, ele veio de São Paulo também pra fugir da droga né, e aí quando ele chegou pra cá conseguiu se limpar ficou de boa e eu fui até ele pedir ajuda. Falei: olha, eu não quero contar pros meus pais, eu não quero ter que olhar pra eles e falar assim "eu preciso me internar", e eu não consigo sair disso sozinha. Aí ele pegou e falou, 'vamos fazer o seguinte, você vai parar de beber e vai começar a ficar em casa comigo aqui, você vem pra cá a gente desenha, a gente fica de boa, você tem que tirar sua cabeça disso do rolê, da cachaça, e vamos fazer alguma outra coisa, pega um papel aí e vamos desenhar comigo'.

O INÍCIO COM O DESENHO

"E nessa eu comecei a desenhar com ele. Ele ia pra rua pra fazer o grafite eu ia atrás dele, e aí eu pegava as coisinhas pra fazer as tintas, eu fazia o tom que ele queria, eu misturava, eu limpava depois tudo, então assim, ele terminava o grafite tava tudo arrumadinho nossa caixinha prontinha pra gente ir embora pra casa. Em casa eu desenhava no papel. Mas não deu três meses ele falou 'não, vai, oh outra parede alí oh, vai, faz o seu desenho. Hoje a gente é tatuador, tanto ele quanto eu, a gente se incentivou porque ele já tinha feito o curso com 18 anos mas nunca trabalhou na área. Então quando a gente casou de verdade, eu falei: oh a gente precisa de alguma coisa pra viver, começa a fazer tatuagem, o povo tá querendo, você vai fazer.



*"Velha, mas não sai de moda!! Tucano bico verde, aquarela em papel", 2008.
Fonte: Rede social da artista.*

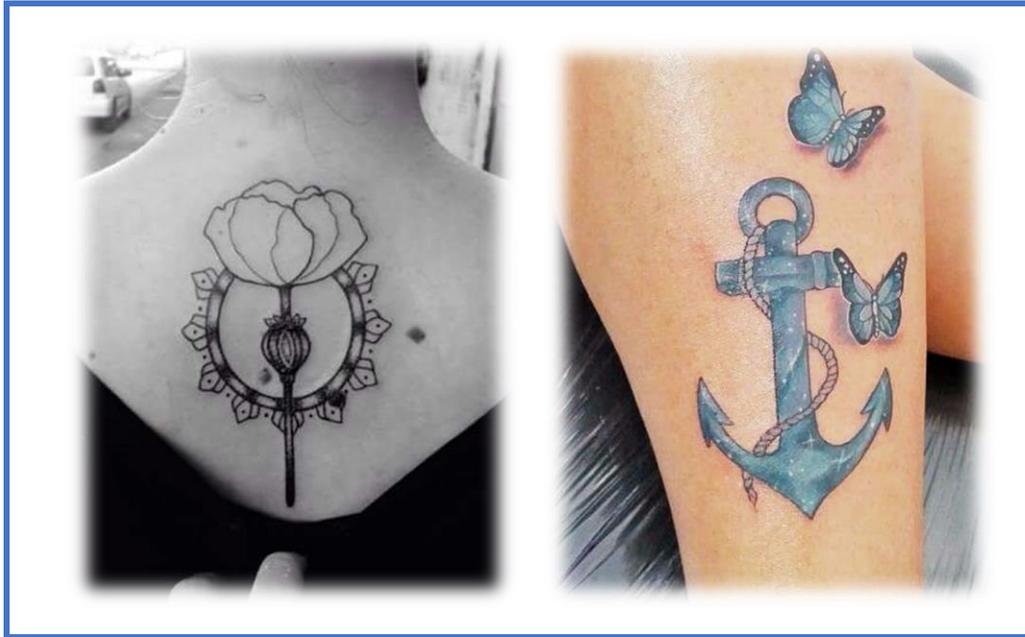
MULHER NA PREFERÊNCIA

"Então ele [Ian] começou a trabalhar com tatuagem, e, mesmo esquema, eu fiquei de assistente dele, eu limpava estúdio, preparava tudo e hoje eu botei ele pra trás [rsrsrs] entendeu, hoje a galera vai pro estúdio pra me procurar, a galera quer o meu traço, quer que eu faça a tatuagem, quer fazer com mulher, entendeu. Muitos homens vêm procurando fazer com mulher porque: todas as minhas tatuagens eu só fiz com mulher! Então, teve bastante incentivo por ser mulher. Mas, assim, é recente né, a gente tá falando de 5, 6 anos, entendeu, que começaram a me procurar por ser mulher, entendeu, tanto das mulheres querendo fortalecer e procurando uma questão de segurança, né. "

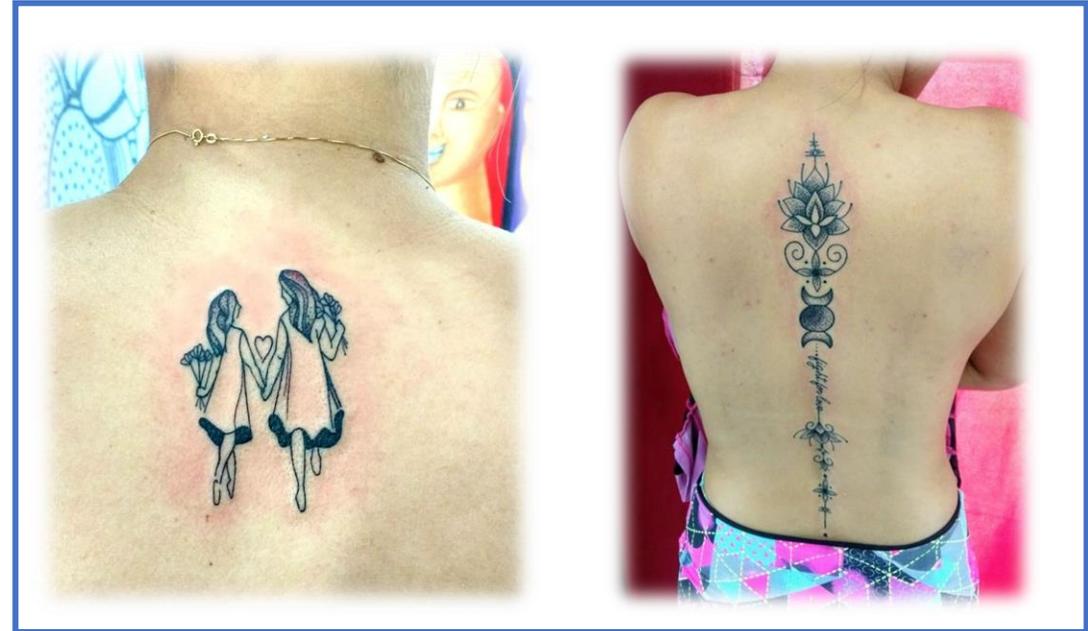
E AMOR NO ROLÊ!

"Eu tava com 17 pra 18 anos, nessa época mais tensa, e aí logo no próximo ano a gente casou. Realmente foi muito intenso, a gente sempre foi muito amigo, e por essa história da arte, a gente virou o rolê um do outro né, então ... nem cabia mais ninguém rsrsrsrs"

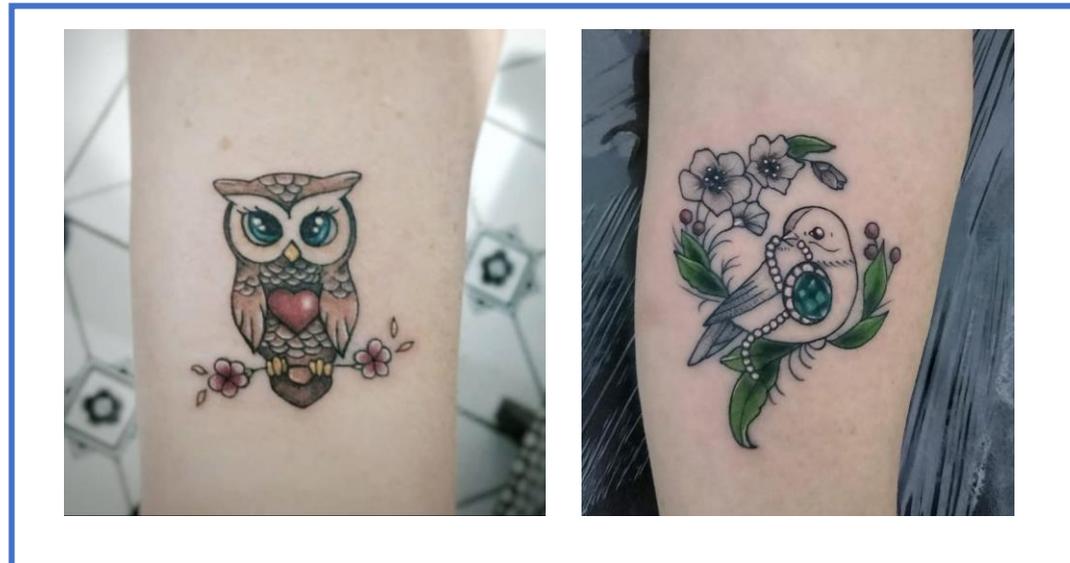




Fonte: Rede social Studio Crespo. 2017.



Fonte: Rede social Studio Crespo. 2018.



Fonte: Rede social Studio Crespo. 2019.



“PORQUE REALMENTE FOI UM SALVAMENTO, A ARTE FOI UM SALVAMENTO”

*“Quando eu conto pra galera que realmente salvou, sabe, **o grafite me salvou da droga cara**, eu tava indo pra um caminho que eu não tinha ...”*

“Nossa, tanto é que a gente vê depoimentos da galera de São Paulo que, tipo, quer dar um jeito de fugir da periferia, sabe, e às vezes é ruim de trampo, e a arte ela te dá um trampo, sabe. Como a gente lá [em Chapada dos Guimarães] a gente escolheu trabalhar com tatuagem, mas se a gente quisesse trabalhar com arte todo mundo vem procurar. Porque mesmo que seja algum trabalho de grafismo mesmo comercial, né, a galera vem e pede comercial, tipo 'ah eu queria escrever alí o nome do meu estabelecimento, eu vi que você pinta, você pode ir lá escrever o nome do meu estabelecimento?'. Isso é muito comum porque a gente mora numa cidade muito pequena né, porque Chapada é pequena, então assim, o artista de porta lá ele é bem recebido. É diferente daqui, e é muito diferente de São Paulo, que foi a vida inteira do Ian”.



Trabalho compartilhado em um hostel, Chapada dos Guimarães, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal e rede social da artista.

TATUAGEM E GRAFITE ARTE COMO SALVAMENTO, AMOR E TAMBÉM COMO ESCOLHA

*“É o lado que a gente escolheu, a gente falou assim: não a gente não trabalha com isso, **o grafite é o nosso hobby**, a gente faz o grafite pra se divertir, a gente não vive do grafite entendeu, a gente vive de arte, mas a gente vive de tatuagem, e aí o grafite é ... tudo o que a gente gostaria de fazer dos nossos clientes, e não tem essa liberdade porque todo mundo já chega com alguma coisa meio pré-visualizada né, e aí a hora que você vê que não vai conseguir colocar o que você quer alí, sabe, tipo, eu pinto cartoon, eu não vou fazer uma tatuagem de cartoon, o meu cliente ele não quer isso entendeu. Então, **se eu for viver pra fazer só o que o meu cliente quer, eu não vou ter arte de verdade na minha vida**. E aí se eu for fazer um grafite e a pessoa quiser me pagar pra fazer o que ela quer denovo, sabe, não faz sentido pra mim eu receber pelo grafite sabe, tem que ser uma coisa espontânea, gostosa, que eu queira escolher a arte, que eu tenha liberdade de falar: porra tá feio, vou pintar tudo, ou, tá feio vou deixar aí mesmo, porque, sabe, é meu hobby, o grafite é meu hobby”.*

DESENHO E PINTURA EM DISCURSO DE PAZ E LEALDADE DO CLÃ FAMILIAR

"Papel, camiseta foram as primeiras coisas que eu fiz, quadro né ... eu tenho bastante histórico de artistas na família. A minha avó lá no Sul, ela era professora do Belas Artes, se aposentou duas vezes pelo Belas Artes, trabalhou até os 60 e tantos, então, a minha vó pintava e minha mãe também pintou, minha mãe também deu aula, e nessa aí eu sempre cresci pintando. Minha mãe costurava as bolsas, pra mim, de pano, fazia os desenhos, a gente fazia juntas os desenhos e eu pintava, eu coloria, sempre mexi com arte, mas assim, nunca fui desenhista, então, sou um péssimo desenhista, pra mim toda vez que eu vou fazer um desenho é sempre difícil, sabe, rrsrsrs, e assim, eu sou uma ótima tatuadora, minha tatuagem é de cair o queixo, e aí na hora de desenhar alguma coisa eu não consigo, sabe, eu tenho que trabalhar muito no desenho, é muito difícil, sempre fica com os meus traços, eu não consigo puxar pra uma outra coisa sabe, ela sempre fica com os meus traços".



Fonte: Rede social Studio Crespo. 2021.

O PROCESSO ARTÍSTICO ...

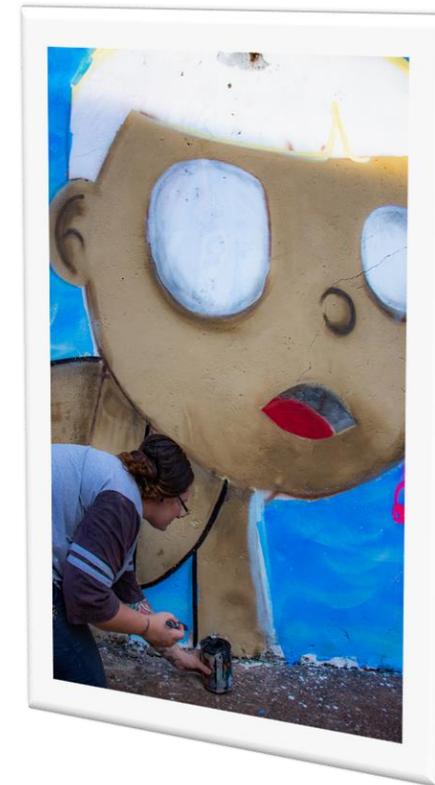
"É o jeito que eu trabalho e é o jeito que minha avó já fazia a muito tempo, é uma releitura. Tipo, você vê a imagem e você não segue ela fielmente, você dá a sua versão dela, entendeu. Eu sou igual a minha avó, minha avó também era assim, não cria, mas se você vê uma árvore ali, cê pega ali rapidinho e desenha ela, mas na base da cópia. Eu sempre trabalhei assim. Eu, as vezes, posso repetir 15 vezes o mesmo desenho tentando mudar alguma coisa eu não consigo, entendeu, porque, de algum modo eu dei o meu traço ali e ficou, e não vai mudar muito além daquilo ali sabe, rrsrsrsrs".

... NA TATUAGEM

"Na tatuagem eu tenho muita procura porque eu sou muito boa em cópia. Então quando as pessoas querem coisas assim, tipo, 'olha eu quero com essa letra, e eu quero esse nome com essa letra ...' Então eu trabalho sempre com pouca base de erro, né, tipo, trabalho com a letra que ela quer, escrevo o nome que ela quer, não consigo criar muito em cima, dou alguns toques pessoais mas é pouca coisa né. Porque a pessoa ela já chega esperando uma coisa bem parecida com o que ela viu na foto, então, se eu puder imprimir a foto e fazer aquela foto, pra mim melhor, entendeu. Então eu tento não mexer muito nisso, só, assim, onde eu vejo que pode dar um toquezinho pra melhorar a qualidade, mas, não viajo muito não, onde eu brinco mesmo é nas minhas coisas".

O QUE PERMANECE - a pegada do grafite

"E é por isso que a gente nem gosta de pegar trabalho comercial, porque você não quer decepcionar a pessoa que tá te contratando né, então assim, de certa forma fica uma expectativa ali, isso não agrada nem a mim nem ao Ian, a gente preferiu ficar como hobby mesmo. E, assim, é difícil porque, quando tá como hobby você não consegue gastar tanto entendeu, então assim, a gente vive hoje do mesmo jeito que a gente pintava quando a gente começou a 12 anos atrás, entendeu, rrsrsrsrs, a gente pinta com latex fedido, a gente pinta com a bisnaga que dá, com lata compartilhada quando tem, se não tem pinta com pincel, entendeu. Eu comecei a pintar no pincel, porque eu tinha medo de gastar o spray que era do Ian, mesmo ele falando 'pega vai', eu tinha medo de pegar o spray porque o spray ele é difícil de você mexer né, no primeiro momento, e aí eu morria de medo de gastar o spray que o Ian podia usar em um outro desenho, né, sempre ali me segurando porque ele era ... ele sabia né, e eu tava aprendendo. E aí, agora, depois de um tempo, eu tive mais contato com spray, saí um pouco do pincel, gostava bastante do pincel. Tem artistas de renome que só usam pincel, então pra mim nunca foi um problema pintar com pincel, a mesma arte que eu conseguia executar com um eu conseguia executar com o outro, mas ... é coisa de pobre né rrsrsrsrsr, a gente não tinha dinheiro pra comprar spray, se a gente tivesse dinheiro pra comprar spray a gente fazia de spray né, já tinha aprendido a técnica muito tempo antes. E agora, como tá com um hobby a gente também não consegue investir muito sabe, então a gente continua no mesmo rolê roots, então a hora que a gente tá no grafite, parece que a gente tem 15, 16, 17 anos de novo sabe, então, é muito satisfatório sair pra pintar sabe, fazer um bomb vandal, fazer pixação, coisa que a gente fazia quando a gente era mais jovem, isso não pode morrer no grafite né".





Ginásio Verdinho, Cuiabá, 2014.
Fonte: Arquivo pessoal e rede social da artista.

MURALISMO?

"A gente é até meio contra o muralismo né, porque, é diferente demais do que a gente vive né, a gente vive o grafite adolescente ainda sabe, é a coisa mais agressiva é não permitida sabe, então, quando a gente vê um muralismo assim a gente fica até meio: ah ah, vai viver de tatuagem também! rrsrsrsr, pára de fazer isso, vai se divertir né rrsrsrs".

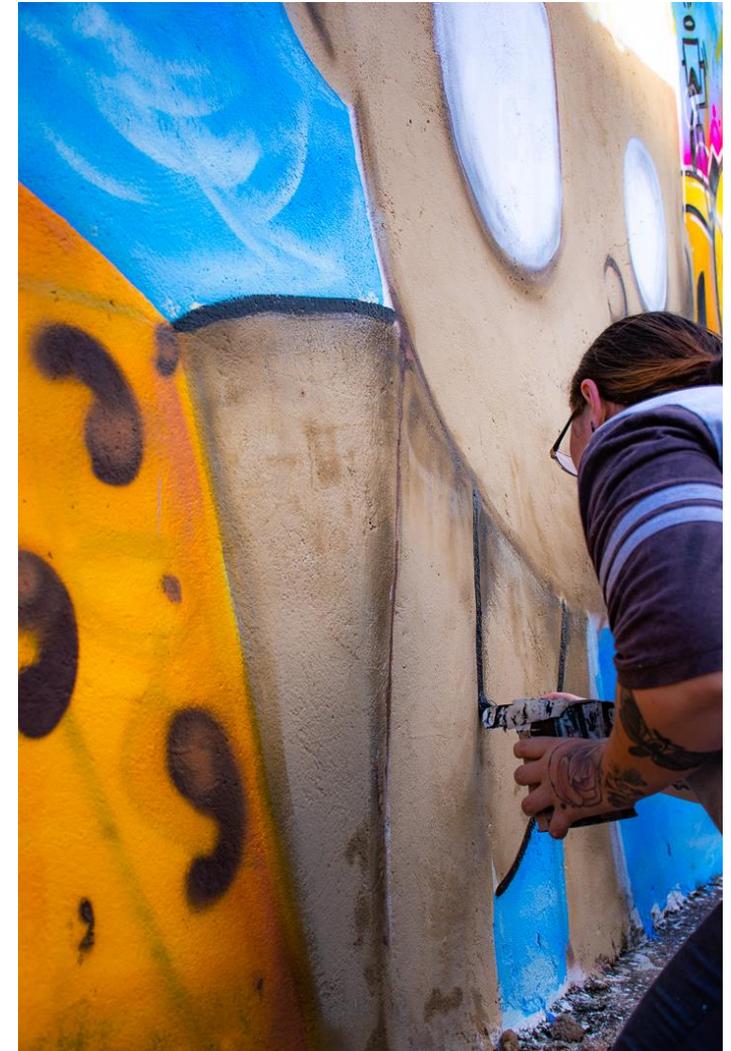
MAS O QUE HOJE DEFINE É OUTRA PEGADA

"Hoje eu sou a tatuadora, né, ainda mais numa cidade pequena, tudo o que você faz ... é que nem o Ian, por exemplo, ele é o Crespo, o nome do estúdio é Crespo, ele é o Crespo, sabe, as pessoas se apegam àquela coisa comercial. Então assim, hoje eu tô bem nesse momento, bem comercial sabe, e até por causa da neném, do trampo, de evolução da casa, e de querer crescer na cidade né, então hoje eu sou tatuadora, tipo, a minha pose hoje pra conversar com você é profissional sempre".

"Você pode ser um zé ninguém, mas, se você consegue colocar uma arte linda no mundo, uma coisa que só você faz, você vira o cara, entendeu. A gente valoriza as pessoas diferentes, eu não valorizo pra mim o cara que tá realizado no mundo não é o cara que tem dinheiro, entendeu, isso na minha cabeça simplesmente não bate. Pra mim o cara que tá realizado no mundo é o cara que tem a família que ele ama, que ama ele e que ele pode fazer uma coisa grande pro mundo, sabe. E hoje o mundo é visual, então a gente está extremamente envolvido nisso, tipo, se eu fizer uma arte hoje [se referindo ao dia da entrevista que ocupou grande parte do tempo de trabalho da artista] eu vou sair daqui envergonhada porque tem as pessoas da casa que querem ver a minha arte, são as pessoas que estão passando que vão ver a minha arte, entendeu, então, cê tem que fazer uma coisa bonita, tem que caprichar pra fazer uma coisa legal, tem que ir pra cima, estudar e fazer e não pode parar".

TATUAGEM E GRAFITE EM EVOLUÇÃO - “é tudo”

“São coisas que não páram, né, é uma evolução constante, a gente vê muito isso na tatuagem e no grafite, cada dia tem uma técnica diferente. E tudo tá ligado, eu acho que o grafite ele é a vida de modo geral, ele é toda vivência, pra mim tudo tá relacionado à arte, tudo tá relacionado ao grafite, porque ... você assiste televisão, você vê um filme, você vê Al Capone, você já vê a imagem dele, você vê Che Guevara, você já vê a camiseta estampada com a cara dele, entendeu, é muito visual, tudo muito visual, a informação tá girando demais, aí todo mundo tem acesso a informação, tem acesso a arte a mídia, então pra mim hoje é tudo. Por exemplo, hoje a arte que eu tô escolhendo é uma arte de um indiozinho criança entendeu, porque é o que eu tô vivendo agora, com a neném pequininha, ela tá engatinhando, entendeu, então assim a hora que eu pensei no grafite hoje eu falei: quero fazer uma coisa que seja pra ela, que eu possa por exemplo tirar uma foto do lado dela hoje e ter pra mim a recordação a minha foto, que vai pras minhas redes sociais, que todo mundo vai ver, onde é a minha criança e meu bebezinho índio, que tá aí no rolê, eu já fazia a indiazinha, então ela agora é a indiazinha neném, entendeu, a versão que eu tô vivendo agora” .



2º GRAFITE VG REINA, trabalho coletivo de iniciativa do artista Pedro Henrique-PHY.
Várzea Grande, 2022.

Fonte: Fotografia Célia Soares



2º GRAFITE VG REINA, trabalho coletivo de iniciativa do artista Pedro Henrique-PHY.
Várzea Grande, 2022.
Fonte: Fotografia Célia Soares



2º VG Grafite Bairro Cristo Rei – Várzea Grande/MT.
Homenagem. Último grafite feito pela artista Ana,
acompanhada, de longe, por sua bebê de três meses de vida.
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2022.



2º Mutirão Graffiti Cuiabrazza – Praça CPA III – Evento Coletivo de Grafite
Trabalho realizado durante a gravidez.
Fonte: Fotografia Célia Soares 2020



2º Mutirão Graffiti Cuiabrazza – Praça CPA III – Evento Coletivo de Grafite
Crespo e Ana
Fonte: Fotografia Célia Soares 2020

"Eu tava de seis meses e foi uma loucura porque ninguém queria deixar eu pintar, né, tanto a minha família quanto o Ian ficaram apreensivos por causa do uso da tinta, do cansaço e tal e eu falei: não, não vou ficar parada não, rrsrsrs. Inclusive a arte era bem maior que eu, tive que subir em escada, fiquei toda suja, rrsrsrs, mas foi a última antes da Maria Alice nascer".



Grafite de índia.
Festival de Grafite em Alta Floresta/MT, 2020
Fonte: Arquivo pessoal - Rede Social da artista



Grafite de índia.
Festival de Grafite em Alta Floresta/MT, 2020
Fonte: Arquivo pessoal - Rede Social da artista



Grafite de índia.
Chapada dos Guimarães, 2018
Fonte: Arquivo pessoal - Rede Social da artista



Grafite de índia.
Chapada dos Guimarães, 2019
Fonte: Arquivo pessoal - Rede Social da artista



Primeiro grafite da artista Ana Psendziuk.
Ginásio do Parque do Lago, Várzea Grande, 2014.

O GRAFITE

A trajetória da artista Ana com a arte visual é marcada pela pintura e pelo desenho, em suportes móveis, vindos de uma tradição familiar. Desenhos e pinturas em camisetas, telas e corpos, com a tatuagem fazem parte de sua experiência, que começou, de forma autônoma, com o grafite.

"O grafite pra mim foi o início, foi o pontapé do você consegue, justamente porque quando eu fui pra rua e pintei a primeira vez, que eu tive coragem de realmente pegar as tintas que já estavam ali junto com meu esposo e pintar, e assim, a hora que eu terminei eu tirei uma foto e falei: pô, ficou legal, entendeu, e aí quando eu tive aprovação de outras pessoas que viram, aí eu animei, porque a arte tem muito disso, né, a gente se empolga, se anima, e se sente grandioso né, então o grafite foi o começo de tudo.

O primeiro grafite da artista foi feito quando tinha, aproximadamente, a idade de 18 anos, e aconteceu na cidade de Várzea Grande, no Ginásio do Parque do Lago, junto ao movimento comunitário chamado Ocupa Cristo Rei, que incentivou vários artistas grafiteiros.

"A galera de Várzea Grande, o Santiago, a galera do Ocupa, eles deram muita abertura pra gente, então a gente pintou muito aqui, nos eventos do Ocupa mesmo, a gente pintou em quase todos os eventos, a gente vinha. Que é uma galera assim, bem parecida com a gente sabe..."



Grafite no Ginásio "O Ferreirão", Parque do Lago, Várzea Grande.
Evento do Movimento "Ocupa Cristo Rei, Skate Parque", 2014.
Fonte: Arquivo pessoal e rede social da artista.

Parecida com a gente por quê???

"Por exemplo, eu nunca pintei em casa de playboy, nunca pintei, eu e o Ian, a gente nunca foi num rolê desses, sabe, [por qual motivo?], a gente nem cola, entendeu, nem é uma galera que a gente anda, então assim, você não vai ver um grafite meu num apartamento ..."

E se pintar um convite???

Pagando bem!

"Aí a gente não vai né, porque a gente só faz por hobby, não iria, não iria. Olha, pra dizer que eu nunca fiz, uma vez que eu tava muito apertada da Chapada, eu fiz um lettering pra um Açai, foi a única coisa que eu fiz..."

O QUE É O GRAFITE, ENTÃO?

O grafite é uma coisa bem de lazer mesmo. Pra mim o grafite é extremamente vandal, sabe, tanto é que a gente já tomou muito enquadro, de ... a gente sair pra fazer uma puta duma arte, com tudo já planejado, eu e o Ian sair meio que, com o desenho ... na época a gente tava no pique: vai ser esse aqui oh, eu faço esse você faz esse aqui do lado, o muro é tal tal tal ... E a gente chegou e começou a riscar com spray, eu comecei a riscar com pincel e a gente tomou um enquadro porque a polícia olhou e falou, 'não, isso aí é pixação', porque todo começo de grafite é feio, e aí como a gente não era conhecido nem nada, eles olharam e falaram, 'não, isso aí é pixação vamo bora'. A gente falou: não, mas a gente tem autorização do pessoal do Centro Comunitário (era lá no Asa Bela, em VG). Aí eles falaram, 'não', e levaram a gente, tem um processo. A gente tem um processo da Cufa, a gente tava andando bastante com o pessoal da Cufa na época, e eles iam fazer um encontro, e a Cufa lá no São João Del Rei era bem escondida num matagalzão assim, bem pra baixo, e aí eles pediram pro Ian, 'oh Ian, vai lá escreve um aviso, A CUFA É AQUI, no ponto de ônibus, só vai lá e escreve assim, O EVENTO TAL ... E A CUFA É AQUI, DESÇA NESSE PONTO AQUI', pra galera entender que era alí, lá no São João Del Rei, que não tem rua asfaltada direito, é mais buraco, não tem calçada, e a gente tomou um enquadro e foi todo mundo preso, porque, a gente tem muito disso, por exemplo, o Ian fez a Arte, mas a gente tava junto, eles não iam levar o Ian, eles iam levar todo mundo. Quem fez a Arte? Todo mundo entendeu, a gente tem muito disso, muito colaborativo, porque tá junto, e o B.O. vamos todo mundo junto. Então, é difícil pintar na rua".



Grafite na "Casa de Cultura Paulo Laurentino",
Várzea Grande, 2015.
Fonte: Arquivo pessoal e rede social da artista.



Ana e Crespo - 2º Vg Graffiti – Evento Coletivo de Grafite, ação do artista PHY
Bairro Cristo Rei - Várzea Grande –
Fonte: Fotografia Célia Soares - 2022

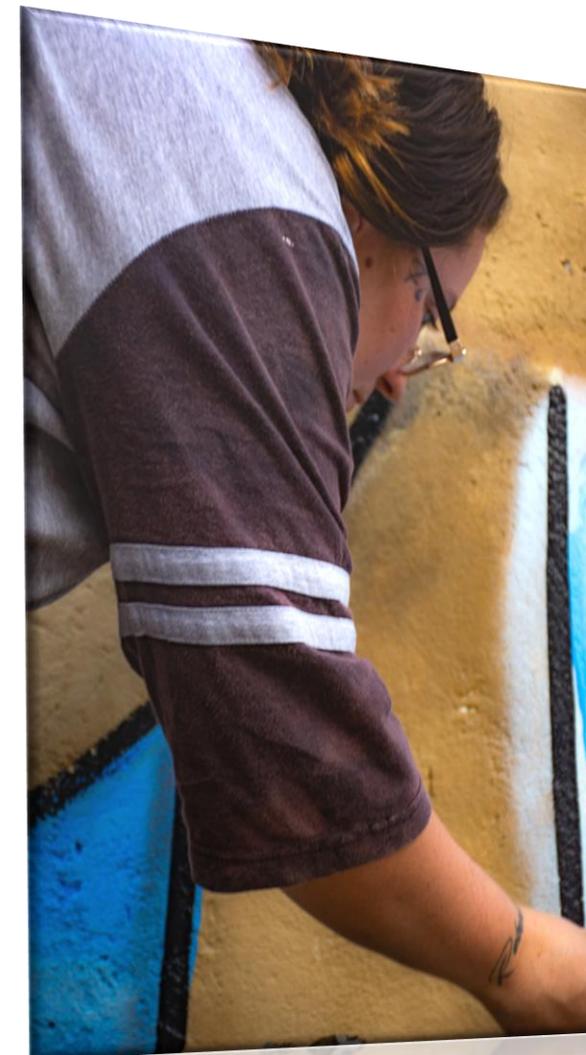
OS PROCESSOS ... policiais

"Eu acho que eu devo ter uns três processos de grafite... e, então, como a justiça é uma merda né, eles até chegaram a chamar a gente umas duas vezes, ficou combinado uma intervenção num Centro Comunitário, porque ainda tem isso né, você ainda é chamado pra pintar um Centro Comunitário porque você foi preso fazendo grafite rrsrrsrrsrsrs. Aí você chega na frente do Conciliador e fala né: olha, mas a gente é grafiteiro, e a atuação oh, realmente foi de pintura, entendeu, então assim ... vamo pintar lá, fazer um desenho bonito lá ... Aí eles, 'não, beleza, vão lá fazer um desenho lá'. E nisso aí, acabou que nem deu certo de ir lá, o tempo passou, a gente tem processo de 12 anos e nunca deu nada sabe, eles nunca chamaram de volta, não conseguem nem fazer cumprir, eu não sei nem porque que suja o nome de alguém com uma coisa dessa".

E PRA CHEGAR ATÉ AQUI OUTRO OLHAR SOBRE A HISTÓRIA CONTADA DO GRAFITE EM

CUIABÁ

"A gente passou a pintar toda semana, e aí era legal porque assim, o Babu e tal ... a a cena não era tão conhecida, convenhamos né, que a 10 anos atrás quase não tinha grafite na cidade né, então, quando eu comecei, eu peguei um pico bem legal porque não tinha muita gente entrando no grafite, tava muito parado assim, a cena, a cena estava estagnada, a gente conhecia tipo, três grafiteiros, que era o Jean, o Amarelo e o Babu, era quem pintava na cidade. Tinha o Formiga, que fazia os bombardeio, mas aí o Formiga já não colava com o Babu, já era um cara diferente, do underground mesmo, e o Ian pintava em São Paulo e chegou pintando mais ou menos no mesmo nível que os cara tavam aqui, sabe, porque lá o grafite tava na cena, pintando direto e tal. Então, os primeiros rolês grandes que eu fiz foi com Babu, Amarelo, com o Jean, em Cuiabá, há 10 anos atrás, porque pintava eu e o Ian, daí um pouco Babu e Amarelo viram e, 'e aí beleza, bora pintar junto!', cê tá entendendo? Hoje, tipo, os cara ... hoje mesmo o Babu tá em São Paulo, sentado na mesa tomando cerveja com o Binho! Né, porque o Babu ele é um grande artista, um cara muito velho na cena já. Então, começar junto com esses caras pra mim teve uma diferença muito grande, eu vi uma cena grande de grafite que tinha muito artista bom como o Ian, o Babu, o Siq, o Babu mesmo, na época o Babu já era conhecido, então assim, pra mim: pinte as primeiras vezes com o cara, entendeu, é ... porra! E os caras também tavam com a mentalidade mais, um pouco mais de rua sabe, porque a vida vai mudando né, por exemplo hoje o Babu ele tem duas filhas adolescentes, o cara tem que pensar na vida dele também, no processo dele, ele também tem que ganhar dinheiro, mas naquela época a gente tava bem na pira do ilegalzão mesmo, sabe, do rolê, foi muito legal, muito legal porque deu pra pintar com gente que pintava muito bem.



Ana - 2º Vg Graffiti – Evento Coletivo de Grafite, ação do artista PHY
Bairro Cristo Rei - Várzea Grande –
Fonte: Fotografia Célia Soares - 2022

O MOMENTO DA TRANSIÇÃO - In memorian

"E nessa, depois que eu entrei, a gente colocou um camarada nosso que é o Overdose, que ele foi o cara que talvez tenha feito isso acontecer hoje. O Overdose morreu, e foi ele que trouxe o Alisson [Presto] pra parada. O Overdose tocava na banda do Ian, a gente era muito amigo, a gente andava junto tinha muito tempo. E aí depois que eu comecei a pintar, a banda dele se reuniu mais, fechou mais, e a gente tava em todo rolê, todo rolê a banda tocava e eu e o Ian, pintava, todo rolê, junto com os grandão né, e aí tipo ... o Overdose começou a ser a Ana no rolê, entendeu, começou a ir junto, limpar os potinhos, lavar os rolinhos, ele deixava tudo limpo, ele ia atrás dos pet, ele cortava os pet pra nós no estilete, deixava as tintas prontas ... ele começou a ser a Ana no rolê, ele tava de assistente alí de nós dois, e o processo foi a mesma coisa, a gente olhava pra ele e falava: Overdose, vai pegar uma folha e vai estudar, vai pegar a folha e vai fazer letra. Aí ele, 'ah mas eu tô travado aqui nessa letra, nesse O aqui', aí o Ian ia lá e: aqui cara o O aqui véi, vai repete aí, faz do seu jeito. Aí ele ia lá e ... até que ele começou a fazer uma tag, entendeu, começou, fez umas letras legal, e aí, vamos pintar junto. Pegamos o primeiro painel nós três, ele já pintou, já ficou legal, tirou várias fotos. Eu não sei como eles se conheceram, mas foi o Overdose que trouxe o Presto pra pixação".



Avenida Isaac Póvoas, 2014.

"Este grafite tem uma história legal, alí no cantinho dá pra ver, um pedaço do primeiro grafite do Overdose. O Ian tanto me ensinou quanto ensinou o Overdose a grafitar, e depois foi o Overdose quem levou o Alisson [Presto] pra pixação também, então a história do Alisson também começa aqui nessa foto, sabe. Essa foi a segunda vez que eu pinte e a primeira vez que o Overdose pintou, foi lá na Isaac Póvoas. Esse grafite não existe mais, e uns quatro anos depois esse grafite foi pintado pelo Guiles, ele escreveu aquele "real city" na lateral, nem esse prédio existe mais".

PODE ISSO? o valor de uma coincidência

"Eu ainda estudava no Liceu, e comecei a ter acesso a spray e acesso a pintura, então eu saía pra pixar na lateral do Liceu, é capaz de você passar hoje e ter pixo meu lá de 12 anos atrás alí naquela região do centro. Tem um pixo meu que o pessoal tirou foto e fez um ímã, e eu comprei o ímã porque o cara era fanático por janela do centrão, aí eu olhei e falei: caralho, é um pixo meu! Porque assim, é um pixo, não é um puta dum grafite de alguém conhecido, não, o cara tirou a foto do pixo e por acaso eu comprei o ímã que ele fez da foto. Então assim, a pichação também ela é muito estranha porque ela tá muito envolvida com o grafite a todo momento. Eu não conhecia ele, eu encontrei ele porque eu fui ver uns ímãs de geladeira pra comprar, porque na época a gente tava nessa de ajudar os artistas, e aí fui ver era um pixo meu. E aí eu perguntei: como que você tem essa foto aqui, da onde que você fez isso? Porque era minha tag lá né, escrito ainda: Policia sai do pé! Isso uns 8 anos depois que eu tinha feito o pixo. Aí ele falou, 'eu sou fanático por janela e em Cuiabá eu fotografei isso', e ele imprimiu e por acaso eu comprei dele o meu pixo rrsrsrsrs sem eu conhecer ele e sem ele me conhecer, foi muito engraçado. Então, a pichação foi muito forte pra gente também, inclusive com os grandão mesmo, a gente já pichou muito, de sair, dá rolê com Babu e Amarelo pra pixar, sabe".

ENTRADA DA CHAPADA DOS GUIMARÃES NA HISTÓRIA

"A gente precisava sair um pouco daqui. A avó do Ian que morava junto com a gente ela teve uns problemas no serviço e aí ela deu uma desiludida, e num passeio, porque a gente subia muito [pra Chapada], num passeio de madrugada a gente acabou comentando: ah vamo morar na Chapada, meio que da boca pra fora assim, e voltamos pra casa e falamos: e aí vó, vamo morar na Chapada? E a vó falou 'bora'. E dois meses depois a gente tava morando na Chapada, e nunca mais fomos embora, já tem uns 8 anos. E aí lá, o mesmo processo assim, a gente fez bastante grafite, quase não tem grafite lá. Lá tem um amigo que trabalha com aerografia, mas é diferente, é mais muralismo mesmo, nem ele consegue se classificar, porque ele é um cara que também é meio autodidata e só sabe que consegue porque um dia resolveu fazer, entendeu. E por acaso ele escolheu uma lateral que a gente tinha começado, que a gente fez um mural lá dois anos atrás, eu, Ian, Pedro e Presto, e a gente fez O mistério do gafanhoto, que foi o nome do mural, que também foi uma história que rolou naquela semana. A gente fez o muro, e aí eu acho que o cara sentiu uma confiança sabe, ele falou, 'pô, eu consigo, eu sei desenhar'. E ele faz um realismo, então ele foi lá e fez vários realismos na lateral, só que aerografia né, então assim, é um trabalho totalmente diferente do nosso. Aí, tem a gente que pinta, esse cara que só pinta em aerografia, então o que ele que mesmo é procurar trampo comercial né, e aí tem mais um tatuador que pinta mas a gente não tem contato com ele. De grafite mesmo, só a gente. Em Chapada é difícil, como a cidade é muito pequena, retrógrada sabe, é difícil de trabalhar então, a gente pinta onde a gente tem abertura que é na periferia, entendeu, então no centro, você não vai encontrar nenhuma pintura nossa, você vai encontrar no máximo pichação, que é o que o centro merece, entendeu, por ser o que é. E a periferia fica com as nossas coisas coloridas, com nosso interesse, com nossa dedicação, entendeu, porque é onde se tem abertura pra trabalhar".



Ginásio do bairro São Sebastião,
Chapada dos Guimarães, 2017.
Fonte: Arquivo pessoal e rede social da artista.



Chapada dos Guimarães, 2020.
Fonte: Arquivo pessoal e rede social da artista.



Chapada dos Guimarães, 2020.
Trabalho em conjunto com outros artistas.
Fonte: Arquivo pessoal e rede social da artista.

POLÍTICA ...

"Eu acho que é cultural mesmo, porque são as pessoas, não é a polícia, porque quem liga pra polícia são as pessoas, entendeu, se a polícia passasse aí agora [onde estavam fazendo o grafite no momento da entrevista] e vocês fossem lá e se juntassem em duas, três pessoas, "normais" da sociedade, digamos assim, e falassem, 'não, isso aqui tá autorizado', entendeu, era diferente de um Ian, ou o Presto, sujo aí, falar, 'não, nós tamo pintando aqui porque os cara deixa', rrsrsr. Porque até a comunicação é diferente, né. É bem isso, você chega na periferia pra pintar, você é bem recebido sabe, cê bate na casa da tiazinha e fala: oi tia, a gente pode deixar uma arte aí, oh a gente pinta bem, olha o nosso desenho, a gente queria deixar um desenho aqui, a gente é tatuador aí ... não sei o que ... a gente mora aqui na cidade. E assim, como o pessoal aí, todo mundo já conhece, então assim tem abertura, a galera passa e fala, 'oh tem um muro lá disponível', demorô!: Vamos ver se a gente junta uma galera e nós cola lá, mas e aí, vai fazer um churrasquinho? 'Demorô!'.

... TEM HAVER COM PERIFERIA E CENTRO

"A gente foi pintar na Associação dos Catadores de Recicláveis de Várzea Grande, foi um trampo que não foi pago mas a gente recebeu muito material, e foi muito bom pra gente. A gente tava pintando e começou a vir uns bolo, sabe, e não era da galera que tinha organizado, porque a galera veio, tirou umas fotos deixou tudo organizado alí pra gente e saiu fora. E a galera que morava na frente começou a trazer uns bolo, uns bolo bonito de brigadeiro, coisa mais linda, eu acho que a gente bem uns 4, 5 bolo. Daí a pouco e gente olhou e: tia dá mais uns três aí e toma [dinheiro], quanto é o bolo, e já começamos comprar, ficamos um pouco mais, ela tinha uns espetinho pra vender, compramos uns espetinho dela, entendeu, que era pra dar aquela fortalecida alí mesmo, porque assim, a recepção é muito diferente. Por exemplo, se eu for pintar na praça hoje, vai rolar um vuco-vucozinho alí, o povo vai falar, vai ficar em cima, vai achar legal, vai achar bacana porque agora é conhecido, todo mundo acha legal o grafite né, mas, no geral, a aceitação da cidade é, 'olha aquele doido pintando lá', então, você não se sente bem, sabe, por mais que você não seja agredido, ou seja, afrontado, de certa forma você não tá confortável pintando alí, sabe, você não sabe de repente a polícia vai querer parar e encrencar e falar que aquilo alí é da prefeitura, entendeu, você não tem aquela liberdade alí, e aí ... eu prefiro não ir, entendeu. Numa situação dessa, só se for pra enfrentar, só se for pra falar: oh, aquele muro, sei lá, da igreja, porque lá a igreja manda muito na cidade, então, poxa tem o muro da igreja lá, tá liberado vamos lá e vamos destruir aquele muro vamos pintar pra caralho, vamo arregaçar ... beleza, aí nós vamo! Mas se for uma coisa, 'nossa como essa parede tá abatida, vamos lá pintar'... aí não.



6 O rolê de grafite ele é todo mundo junto* 9

E O GRAFITE DE MERCADO?

"Essa mundo é muito amplo né, nada é igual, nada vai se repetir, nada vai fica na mesmice, tudo vai mudar sempre, e tem abertura pra todo mundo. Sempre vai ter um Pedro e um Presto aí oh, que vai abrir pra uma gurizada nova chegar, e sempre vai ter um Babu e um Amarelo que vão falar, 'e aí vamos pintar lá' e você vai se sentir maior e ... acho que, do mesmo jeito que a gente consegue viver de tatuagem, que uma coisa que foi extremamente criminalizada também, tem tudo na mesma vertente né. Hoje em dia cara, cê vai fazer uma tatuagem faz por 15 mil, 20 mil, entendeu, do mesmo jeito tem grafite que vai valer isso aí porque tem espaço pra tudo. Eu acho incrível São Paulo porque São Paulo é muito único né, de pichação, porque grafite hoje tem em todo lugar, mas a pichação em São Paulo ela é DE São Paulo, então tem isso também, cada lugar tem uma coisa específica, então, não tem como a gente falar: não, isso não pode mais. Porque, não tem não pode, ninguém precisa seguir regra nenhuma e de nada, entendeu.

"Eu gosto disso porque justamente lembra de quem a gente é, de verdade, sem ter que parecer nada pra ninguém".

"Eu acho que tem espaço pra tudo por isso justamente por isso sabe, porque **se trata de liberdade**. De você poder chegar e fazer o que você quer, e quando você chega e faz o que você quer, sempre vai ter espaço. O cara que trabalho de grafite ele não tá errado, ele tá certíssimo, ele tem mais é que fazer mesmo, porque cara, tudo o que a gente tiver que acordar 7 horas da manhã e fazer uma coisa que a gente não gosta, tem mais é que ir pra cima e fazer acontecer, sabe. Eu nunca imaginei que tatuagem um dia ia dar dinheiro que eu ia poder comprar uma casa, criar minha filha com tatuagem, entendeu. Então, o cara poder fazer isso com grafite ou com malabares, pra mim é sensacional. A partir do momento que você trabalhando, que você gosta do que você faz, que vai fazer com amor, tudo é válido".

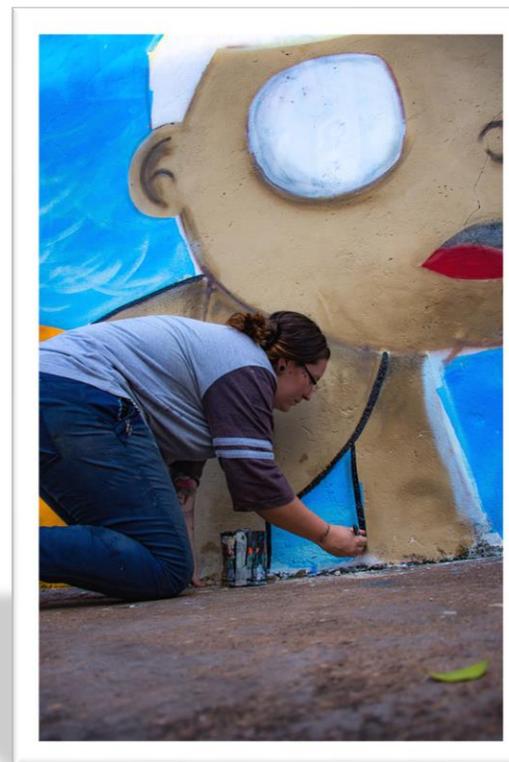
ENTRE GRAFITE E TATUAGEM

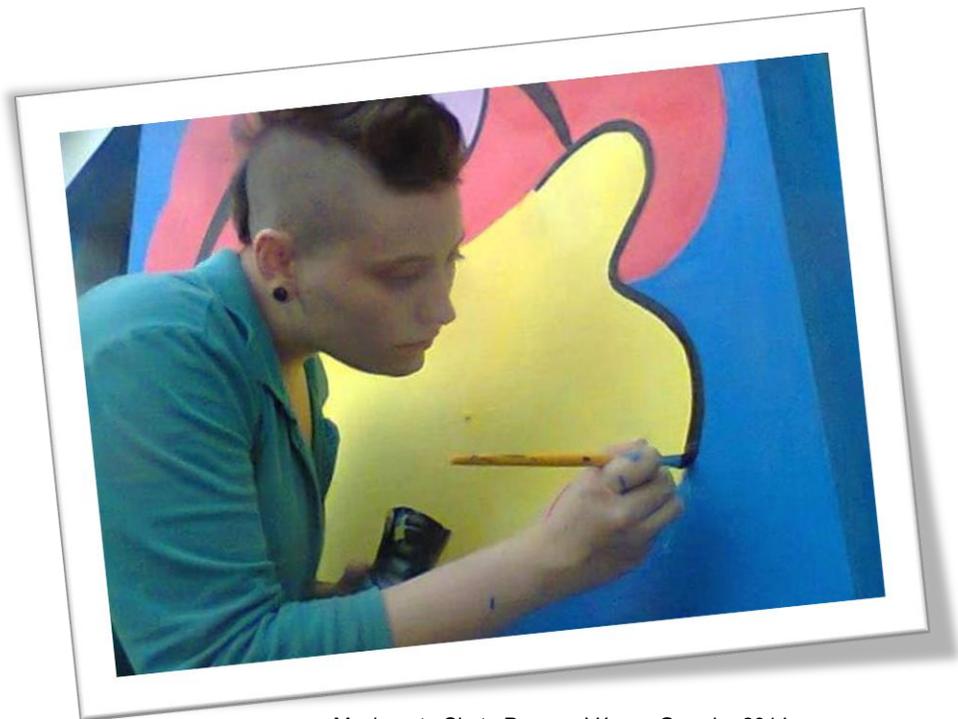
"Ah, eu acho, porque é hobby né, porque a sensação é diferente é mais divertida eu acho que o grafite ele sempre vem mais intenso. Quando você termina uma tatuagem você tá satisfeito, cê tem dinheiro no bolso, mas quando você termina um grafite você é foda! rrsrsrsrs Você olha pra ele e fala 'eu sou foda' Pode ter ficado uma merda, mas eu sou foda rrsrsrsr Depois você vê as fotos e fala, 'é, ficou bem loco mesmo'. Porque grafite é foda, porque você vê ele de perto, ele tá todo craquelado, ele tá uma merda, todo borrado, aí você olha ele duas quadras de distância ele tá loco gritante colorindo aquele lugar que não tinha nada entendeu. Isso é muito forte no grafite. É bem mais difícil, depende totalmente de você alí né, alí é só você e uma parede, é bem mais intenso. Na pele é mais automático, como eu trabalho com coisa meio pré-vendida, pré-selecionada, é só na base de cópia. E é engraçado né porque são dois mundos diferentes, o grafite você não pode ser perfeccionista, porque é uma coisa pra você vê de longe, o oposto da tatuagem, que tem que ser extremamente perfeccionista, uma coisa não pode tá um pinguinho pro lado errado, ainda mais com o que eu trabalho que é o traço fino né, e tatuagem feminina, é o que eu mais atendo, e no grafite mais puxado pro cartoon".

Ana Psendziuk deixa uma mensagem de inspiração!

"Nem todo grafite fica bonito, mas é importante ele tá lá, e é importante você sair da sua casa, da sua liberdade e ir pra rua, entendeu, então, vá pra rua. Não precisa tá perfeito no papel pra você falar, 'agora eu posso tentar ir fazer o grafite', não! Ele vai acontecer na parede, naquele parede que ele vai acontecer, não no papel. O grafite ele tá na parede, então, vai pra rua e acha uma parede".

"CORAGEM E VAI PRA CIMA!"





Movimento Skate Parque, Várzea Grande, 2014.
Fonte: Arquivo pessoal e rede social da artista.



Casal Ana Psendziuk e Ian. Data não informada pelos artistas.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.